

A GEOGRAFIA ESCOLAR, O PROFESSOR E A PESQUISA COMO FUNDAMENTO PARA A PRÁTICA DOCENTE

Rosana Soares de Lacerda¹; César Dias Soares²; Raimundo Lenilde de Araújo³

¹Universidade Federal do Piauí - UFPI, zana.inha16@hotmail.com; ²Universidade Federal da Bahia – UFBA, cesardoaires@hotmail.com; ³Universidade Federal do Piauí – UFPI, raimundolenilde@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho parte da necessidade de discutirmos sobre os fundamentos da Geografia escolar e de sua pertinência para o cotidiano, sobre o professor enquanto mediador dos conteúdos de Geografia, bem como sobre a importância da pesquisa para o sucesso da prática docente. Assim, objetivamos evidenciar o mérito da Geografia Escolar mediante as transformações da sociedade do século XXI; o papel do professor de Geografia na mediação dos conteúdos da disciplina de Geografia no contexto escolar; bem como a relevância da pesquisa para que o profissional desta área do conhecimento, exerça com segurança e qualidade a sua prática docente na sala de aula diante dos seus alunos. Nesse sentido, optamos por elaborar nosso trabalho com caráter bibliográfico e, para tal, embasamo-nos em Filizola (2009) para discutirmos sobre Geografia Escolar; Lesann (2009) para falarmos sobre a formação do professor; Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) para abordarmos sobre a pesquisa na prática docente, bem como outros autores que complementaram nossa discussão. De acordo com nossos estudos, percebemos que o ensino de Geografia tem um grau de importância bem elevado no processo de construção da identidade de cidadãos ativos em sua realidade e na construção de raciocínios espaciais, de modo a permitir que os alunos compreendam melhor as dinâmicas do mundo atual e as transformações sociais pelas quais este tem passado. E, que tal processo poder se efetivar de forma satisfatória mediante a prática do professor, deve se fundamentar na pesquisa e realizar sua prática respeitando o grau de amadurecimento psicopedagógico do seu aluno. Havendo esta coerência, certamente, ocorrerá uma aprendizagem condizente com os preceitos da Geografia, contemplando o aluno em todos os seus aspectos.

Palavras-chave: Geografia escolar. Professor. Pesquisa. Prática docente.

Introdução

As demandas contemporâneas voltadas para a escola e para a Geografia Escolar, tais como as político-sociais, tem exigido do professor desta disciplina, um maior aperfeiçoamento de seu trabalho, no sentido de atender a essas demandas. Assim, diante da necessidade sobre uma discussão referente ao papel da Geografia Escolar no contexto citado, bem como do papel do professor e de sua postura enquanto professor pesquisador para mediação dos conteúdos geográficos, é que partimos para esta produção.

Nesse sentido, buscamos evidenciar a relevância desta para o cotidiano escolar, o papel do professor de Geografia na mediação de seus conteúdos; bem como a relevância da pesquisa para que este profissional da referida área do conhecimento, exerça com segurança e qualidade, a sua prática docente na sala de aula, na mediação com seus alunos. Diante disso, para elaborarmos nosso trabalho elegemos o caráter bibliográfico e, para tal, embasamo-nos em Filizola (2009) para discutirmos sobre Geografia Escolar; Lesann (2009) para falarmos

sobre a formação do professor; Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) para abordarmos sobre a pesquisa na prática docente, e demais autores que contribuíram para fundamentação de nossa discussão.

Para demonstrarmos nossas arguições organizamos nossas ideias em três seções, além da introdução e conclusão, a saber: a Geografia escolar e o processo de ensino mediado pelo professor em que evidenciamos a pertinência da Geografia Escolar no contexto do ensino e o papel do professor dentro deste processo; o professor enquanto formado e formador, situação que discutimos sobre a formação deste profissional e os reflexos desta em sua prática; e por fim, a pesquisa como instrumento de aperfeiçoamento. Aqui enfatizamos a necessidade da pesquisa como fundamento para a prática docente e como princípio para formação continuada, para assim haver a promoção na aprendizagem dos alunos.

A Geografia Escolar e o processo de ensino mediado pelo professor

A Geografia com status de disciplina escolar está presente no Brasil desde o século XIX, no entanto consolidou-se enquanto Ciência somente a partir da década de 1930, ao se institucionalizar no ensino superior. Mais especificamente com a criação da Universidade de São Paulo, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e a Associação dos Geógrafos Brasileiros, instituições que contribuíram de forma significativa para seu desenvolvimento no país (MARTINS, 2014). Desde então, tem se tornado relevante para subsidiar as discussões da sociedade em movimento, para a compreensão dos fenômenos sociais, bem como para as novas configurações espaciais.

Diante das mudanças que se apresentam para a sociedade no contexto do século XIX, e da insuficiência dos métodos e teorias da Geografia tradicional que se pautavam no ensino com uma transmissão mnemônica, a sua versão para a escola vem passando por transformações significativas, exigindo do professor metodologias que se adequem a esta nova realidade. Nesse sentido, enquanto disciplina escolar, tem papel significativo a cumprir nesse contexto, visto que contribui para que alunos e professores enriqueçam-se representativa e socialmente em seus conhecimentos nas diversas dimensões de suas realidades, compreendendo melhor o processo das transformações no mundo atual e de forma mais sistematizada, bem como, para agir e participar da construção da realidade social presente e futura.

A importância da Geografia escolar é indiscutível para a formação do educando e para a consolidação de uma sociedade sustentável, seu ensino proporciona instrumental para a

aquisição de saberes úteis, os quais possibilitam aos jovens e adultos a formação de seus pensamentos geográficos, bem como, o desenvolvimento de uma consciência espacial. Na concepção de Moreira (1994, p. 58) esta “pode servir para tornar os homens cidadãos esclarecidos. Poderá servir para aliená-los”. Isso dependerá das finalidades que se pretende alcançar. E, no caso do seu ensino na escola é instrumento de empoderamento do estudante pelo fato de lhe esclarecer sobre sua realidade vivida, digamos que “abrindo seus olhos” para o real.

Contudo, nem sempre a escola persiste nessa temática, ou o professor ainda não se deu conta da sua responsabilidade de despertar no aluno, um olhar analítico-crítico das relações sociais que se presencia, resultando nas desigualdades sociais, o que deveria fazê-lo. Partindo deste princípio, seu ensino objetiva preparar o cidadão para um agir em seu cotidiano de forma consciente, em escalas de percepções diferentes, seja local, regional ou global. Permite que este adquira conhecimentos básicos sobre diversas realidades. Tais conhecimentos contribuem para o desenvolvimento de habilidades de pensamento e imaginação geográfica e ainda para o melhoramento de valores e atitudes. Proporciona, ainda, a aquisição de conhecimentos que facilitam o entendimento e a comunicação dos diversos processos que formam os espaços, implicando no entendimento das dinâmicas socioambientais e socioculturais associadas ao significado de transformação, mudança e permanência, pois não é uma disciplina de caráter exclusivamente teórico. Ela está ligada com o cotidiano das pessoas, com a conjuntura atual e por isso mesmo, se bem ensinada, desenvolve o raciocínio espacial do estudante.

Por assim dizer, ao ensinar por meio dessa disciplina, o professor deve adequar os seus conteúdos de acordo com o grau de maturidade psicopedagógica dos estudantes, pois para Filizola (2009) tal processo deve ser feito respeitando este princípio, pois um desajuste entre o grau de dificuldade dos conteúdos em relação aos anos poderá levar a uma desmotivação com consequências graves em algumas turmas. Na concepção do mesmo autor “a prática escolar tem de estar voltada ao sucesso dos alunos, isto é, para seu crescimento e desenvolvimento” (p.31).

Através dos novos pressupostos pedagógicos, hoje se busca incentivar o aluno a construir seus próprios conceitos ao invés de propiciar a memorização de conteúdos fragmentados e descontextualizados, abandonando a forma tradicional, onde a memória era a melhor ferramenta para o aprendizado. Isso se tornou necessário diante do enfoque exigido pela ciência geográfica, fazendo-se necessário na prática do ensino, a valorização dos saberes,

experiências e significados que os alunos trazem como bagagem, inclusive os cotidianos, mas sem desconsiderar os conceitos prontos.

Não se trata de privilegiar o indivíduo, mas lhe permitir conservar sua diferença na coletividade à qual pertence. Para tanto, ele deve poder dispor dos instrumentos teóricos que lhe permitem analisar as relações de poder que caracterizam o corpo social do qual é membro (RAFFESTIN, 1993, apud, CAVALCANTI, 1998, p. 111).

Isso faz com que estes reflitam sobre suas possibilidades de desenvolvimento, pois “os conceitos científicos têm o papel de propiciar a formação de estruturas para conscientização e ampliação de conceitos cotidianos possibilitando, assim, o desenvolvimento intelectual” (IDEM, p. 28). No ensino a construção de conceitos deve ser mediada pelo professor e o sucesso dessa construção dependerá muito de como a mediação será feita. Nesse sentido

Para obtermos sucesso nesse processo, devemos adequar os conteúdos ministrados levando em consideração a faixa etária dos alunos, bem como, levar em conta a finalidade social do aprendizado dos conteúdos ditos geográficos (FILIZOLA, 2009, p. 17).

De acordo com Cavalcanti (1998) nesse processo não são passivos nem o professor e nem o aluno. O primeiro é ativo por fazer a mediação entre aluno e os objetos de conhecimento, já o segundo, por ser o sujeito do processo. Assim, diante do binômio ensinar-aprender deve-se levar em consideração uma série de aspectos, dentre os quais, psicológicos, lógicos, pedagógicos e sociológicos, bem como se deve pensar no conteúdo a ser ensinado, como ensiná-los, além de ter a percepção de como motivar o estudante a aprender a aprender. E, o professor de Geografia, ao buscar sustentação nestes aspectos pode contribuir de forma significativa para a construção de um raciocínio geográfico consistente em seus aprendizes.

O professor enquanto formando e formador

Ao nos reportarmos na funcionalidade da sala de aula, devemos pensar, também, na formação dos professores, os profissionais que passam por uma situação preocupante, pois a conjuntura que permeia sua formação básica é deficitária e uma situação funcional caótica, além de pairar um estereótipo de que as licenciaturas são cursos fracos, fator que influencia diretamente no processo de ensino aprendizagem, pois “o professor vem se deparando com a

necessidade premente de modificar sua prática de ensino, na qual o conhecimento geográfico deve ser construído de forma associada com os seus alunos” (LESANN, 2009, p. 26).

Neste contexto, estes profissionais, “via de regra, são vistos como profissionais despreparados, sem capacidade de gerir autonomamente os próprios saberes” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 79). Assim sendo, tal situação requer políticas educacionais mais eficientes no que concerne à sua formação, com programas que atendam às necessidades básicas destes, de forma que consigam solucionar seus problemas.

Para que o professor possua bases que o conduza no enfrentamento de desafios no mercado de trabalho, este precisa ter recebido uma formação de qualidade e, infelizmente, em muitos casos, tal formação deixa a desejar pela sua inadequação e fragilidade. Isso fica evidente no momento em que tal profissional é posto para praticar o que aprendeu “ou que, pelo menos, deveria ter aprendido”. Nota-se um despreparo, algo que afetará o aprendizado e se refletirá por várias gerações, as quais se tornarão igualmente despreparadas.

A esse respeito Lesann (2009, p. 22) afirma que “o problema da formação, com qualidade, precisa ser encarado o mais cedo possível, nos primeiros ciclos do Ensino Infantil e do Ensino Fundamental”. Na visão da mesma autora, tal formação necessita passar por uma alfabetização de qualidade e de maneira obrigatória. Caso isso não ocorra em sua totalidade, se tornarão profissionais que apresentarão dificuldades em expressar-se de forma correta, tanto oralmente como por escrito. E, além disso, a dinamicidade que se apresenta no mercado de trabalho, atualmente, exige que os mesmos tenham novas habilidades e capacidades de flexibilidades, adaptação e inovação, capacidades que as escolas deixam a desejar, ou seja, não os prepara como deveria.

Tendo em vista os fatos apresentados, fica evidente que se faz necessário uma formação mais contundente e com uma base mais sólida, que permita aos profissionais docentes uma postura autônoma, onde não tenham no momento de abrir mão de hábitos diários, garantindo que possam trilhar novos e diferentes caminhos no processo de ensino. Com isso

A necessidade de o professor pensar autonomamente, de organizar seus saberes e de poder conduzir seu trabalho tem muito a ver com a formação que tem e com a postura pedagógica que adote, uma vez que ele é o agente principal de seu próprio fazer pedagógico (BRASIL, 2006, P. 46).

Essa autonomia se perde, na maioria das vezes, porque a prática profissional dos docentes é organizada por instâncias superiores, dentro do sistema administrativo de ensino.

Os professores, diante das propostas oficiais, assumem posições díspares, mas é possível refletir sobre algumas delas, utilizando-se da experiência adquirida.

Diante disso, para alguém se tornar um bom profissional de Geografia necessita de uma formação específica e continuada onde consiga conhecimentos significativos, que garantam a compreensão de sua função social. Dentro dessa perspectiva o professor deve ter a preocupação de, além de buscar sempre a continuação de sua formação, manter-se também atualizado com os recursos tecnológicos para saber intervir e aproveitar essas nuances e não se prejudicar enquanto educador. E mais, necessita ter incorporado em seus conhecimentos, elementos a mais para que possam ajudar o aluno em sua construção.

Nesse sentido, para que os docentes fiquem a par dos acontecimentos precisam ter uma boa qualificação e formação, que ocorre no decorrer do curso de licenciatura e que deve permanecer ao longo de vida profissional. Além disso, seu processo formativo deve valorizar a prática escolar e sua experiência cotidiana. E, essa experiência no cotidiano é um dos principais instrumentos para que haja uma perfeita compreensão de como ocorre a formação do profissional do ensino, pois é nesse contexto que sua identidade é construída e moldada, sendo este, instruído para agir de maneira autônoma como um formador, visto que ele

Tem papel importante no cotidiano escolar e é insubstituível no processo de ensino-aprendizagem, pois é o especialista do componente curricular, cabendo-lhe o estabelecimento de estratégias de aprendizagem que criem condições para que o aluno adquira a capacidade para analisar sua realidade sob o ponto de vista geográfico (BRASIL, 2006, P. 46).

Assim sendo, este profissional deve ser visto como um dos responsáveis pela estruturação da educação interna de seu país, tendo o direito e o dever de reivindicar uma formação de qualidade, que o torne habilitado e capaz de exercer suas funções de forma coerente e efetiva em suas atividades escolares, e assim ser capaz de conduzir uma construção de conhecimentos junto aos seus alunos, agindo como um verdadeiro formador de cidadãos ativos, conforme os princípios do ensino de Geografia. Além disso, também a partir de sua formação permanente, deve tornar-se capaz de agir ativamente na construção do seu conhecimento afim de fortalecer sua prática, principalmente utilizando-se da pesquisa diária.

A pesquisa como instrumento de aperfeiçoamento

Apesar de a pesquisa ser de fundamental importância como fonte de aperfeiçoamento, ainda persiste a ideologia de que o professor ao trabalhar com ensino básico não

necessariamente necessite pesquisar, o que reforça a visão de o mesmo ser um mero transmissor de informações, que apenas, utiliza-se do saber científico. Porém, o que se sabe é que o verdadeiro docente deve permanecer em constante mundo de pesquisa a qual torna-se importante no tocante a valorização da formação e da profissão.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete, (2009, p. 95) citando Lüdke, (2001), essa prática “pode ser considerada um processo aglutinador de reflexão e crítica, uma facilitadora da prática crítico-reflexiva, embora não seja necessariamente um desdobramento natural de qualquer prática reflexiva”. Isso serve para que o professor se aperfeiçoe e mantenha-se atento às questões contemporâneas e para tal deve buscar o domínio sobre os conhecimentos a serem ensinados utilizando teorias e metodologias precisas, as quais precisam ser criadas e recriadas constantemente e valorizadas de forma permanente. “Essa é a primeira condição para que o professor desempenhe bem o seu papel” (PONTUSCHKA, 2002, p. 131).

O trabalho docente deve ter uma característica de formação humanista, para transformar o saber científico ou tecnológico em valores e conteúdos formativos e, para que o profissional alcance esse feito, deve buscar adquirir conhecimentos e práticas pedagógicas que superem o campo de sua especialidade, ter domínio dos conteúdos e, além disso, desenvolver a capacidade de usá-los de maneira que possa desvendar e compreender a realidade contemporânea, fazendo emergir sentido e significado na aprendizagem. Na concepção de Filizola (2009, p. 35) “de nada adianta o professor ter conhecimento sobre determinada metodologia de ensino se não tiver um conhecimento aprofundado sobre o que ensina”.

Enquanto atuante em sala de aula, deve agir como mediador entre os significados do saber no mundo atual e os saberes do contexto em que houve a produção destes. Esta mediação precisa ser feita de forma crítica e reflexiva, fazendo um paralelo entre as transformações sociais concretas e a formação dos alunos, fazendo-os questionarem a respeito de seus modos de pensar, agir e sentir. “Decorre daí a importância de se saber conjugar com sabedoria os fundamentos teórico-metodológicos que norteiam o ensino da disciplina com a experiência advinda do exercício da profissão, ou seja, o ofício do professor” (IDEM, p. 17).

Fundamentados na pesquisa, para procedermos com a organização e seleção dos conteúdos de Geografia é fundamental termos consciência de onde pretendemos chegar com nossas turmas. “É oportuno lembrar que a prática docente adquire qualidade quando existe a produção do saber” (BRASIL, 2006, P. 46). No momento de ensinar, sabendo-se a forma com a qual os alunos compreendem os conteúdos, constitui um poderoso instrumento de trabalho.

Dessa maneira deve-se ter essa noção e atentar com muito cuidado para tal detalhe, garantindo assim, o sucesso no processo de ensino/aprendizagem. Dessa maneira “é preciso, então, que o professor aguace bastante a sensibilidade para captar os significados que os alunos dão aos conceitos científicos que são trabalhados no ensino” (CAVALCANTI, 1998, p. 149) para assim adequá-los ao que foi pesquisado.

Para tanto, na concepção de Lesann (2009, p. 43) “o professor partirá do pressuposto de que todo aluno traz um conhecimento prévio de qualquer assunto a ser introduzido em sala de aula”. Para que este, no processo de ensino, oportunize condições para o aprendizado, ele próprio tem de assumir essas características em sua formação. Por esta razão, é de fundamental importância que a formação desse profissional seja pautada com base no conhecimento plural, aberto, mas, assentado em reflexões teóricas, e para isso é necessária uma formação consistente, crítica e igualmente comprometida com as aprendizagens de seus alunos. E enquanto atuante em sala de aula deve incorporar em seu ambiente de trabalho, o ato de aprender e de refletir juntamente com os discentes que estão sob sua responsabilidade no processo de ensino.

Assim, todo o docente deverá apoiar a sua docência em fundamentos reais e condizentes com a sua investigação, em especial o docente de Geografia que deve criar em seus alunos a capacidade de identificar e analisar, a diferentes escalas, a diversas mudanças que as diferentes sociedades humanas estabelecerem com seus territórios, quer na utilização do território, quer no aproveitamento dos recursos naturais e na valorização dos resultados do tipo econômico, social, político e ambiental destas mesmas mudanças.

Para isso, no momento do ensino geográfico, deve-se estabelecer objetivos considerando alguns aspectos, tais como: proceder diante de epistemologia contemporânea; considerar a transitoriedade, instabilidade e complexidade do mundo contemporâneo; no caso do Brasil, levar em consideração sua particularidade, contradições e diversidades étnica e cultural, e ainda considerar as especificidades de cada segmento de ensino, focando o perfil dos alunos. Deste modo, garante-se “o respeito à diversidade cultural do país mediante a possibilidade de adaptações que interajam as diferentes dimensões e práticas de ensino” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 74). Podendo ser acrescentados outros referenciais, tais como: o do tipo instrumental com o recurso aos diferentes tipos de informação, entre os quais a cartografia, que na concepção de Cavalcanti (2002) é:

Um importante conteúdo do ensino por ser uma linguagem peculiar da Geografia, por ser uma forma de representar análises e sínteses geográficas,

por permitir a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos pela sua localização e pela explicação dessa localização (p, 39).

Com essa prática, os alunos podem ter a oportunidade de construir seus mapas, suas representações de realidades estudadas, aplicando esquemas mentais já adquiridos ou aprendendo elementos da cartografia para representar melhor a realidade, visto que estes precisam ter, também, a oportunidade de ler mapas, de localizar fenômenos e de fazer correlações entre fenômenos. Assim, sabendo que os discentes chegam à escola com saberes e informações desordenadas, cabe à escola, com o auxílio do professor, sua ordenação e estruturação. Dessa forma, a Geografia destaca-se, por ser uma disciplina escolar com saberes e noções de espaço que proporciona uma leitura coerente, compreensível e lógica do mundo, e que, no entanto, precisam ser passados por um processo de decomposição, de transposição didática, garantindo a consolidação da aprendizagem, e isso se faz, exatamente, sob a incumbência do professor como mediador de conhecimentos.

Conclusão

Não podemos negar que há avanços quanto à forma de ensino no que concerne à disciplina escolar Geografia e a construção de seus conhecimentos, no entanto, é uma mudança lenta, mas que pode se tornar efetiva dependendo da formação acadêmica e da postura adotada pelo professor desta disciplina diante de sua prática, pois cabe a estes ir em busca da Geografia desejada.

Assim, diante do exposto, percebe-se que o professor precisa passar por uma formação de qualidade de maneira que contribua para seu pensar autônomo uma vez que precisam estar preparados para as peculiaridades no processo de ensino no mundo contemporâneo. E enquanto atuante em sala de aula, precisam apropriar-se da pesquisa para fundamentar o seu fazer docente, de forma a garantir o cumprimento da função da disciplina de Geografia que é contribuir para que o aluno saiba ler e pensar o mundo que está a sua volta.

Tem-se atualmente na educação conhecimentos já estipulados por instâncias superiores na hierarquia do sistema de ensino, onde o professor acaba acatando e em muitos casos, tornam-se frustrados por não conseguirem os resultados desejados enquanto educadores, porém cabe a estes, através de uma educação crítica onde se problematize a própria realidade, a possibilidade de vencer as dificuldades existentes no ensino de Geografia, e mudar esses rumos. Certamente isso é possível e muito necessário.

Cabe ainda a estes profissionais, quebrar a teoria de Geografia estática e lutar por uma Geografia dinâmica que estimule os alunos no processo de ensino, para isso, é preciso instigar a curiosidade destes de tal forma que tragam suas contribuições para a sala de aula, gerando um espaço com trocas de conhecimento, diálogo e contato com realidades diferentes. Essas possibilidades não podem ser desperdiçadas, pois a escola deve criar situações para que o estudante desenvolva sua autonomia, adquirindo criticidade para se posicionar diante das peculiaridades encontradas ao longo de sua vida. Isso pode se efetivar mediante o ensino de Geografia, bem como mediante a adoção de uma postura do professor, no sentido de se qualificar por meio de uma formação continuada e com isso contribuir para melhorias no processo de ensino/aprendizagem dos educandos. Isso pode se tornar possível diante do uso da pesquisa.

Referências

- BRASIL Ministério da Educação e Cultura. Conhecimentos de Geografia. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Vol. 3. Cap. 2. p. 43-62.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- _____. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.
- LESANN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski. A trajetória da geografia e o seu ensino no século XXI. In: CASTROGIOVANNI... [et al.]. **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. – 14. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A Geografia: pesquisa e ensino**. In: **Novos caminhos da Geografia**. – São Paulo: Contexto, 2002. p. 111-139.